



ESCOLA DE  
HUMANIDADES

# CADERNO MARISTA DE EDUCAÇÃO

Caderno Marista de Educação, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 1-11, jan.-dez. 2021

<http://dx.doi.org/10.15448/2763-5929.2021.1.40790>

ARTIGO

## Orientação Educacional e Inclusão: interfaces e itinerários na construção de uma cultura inclusiva

*School Counseling and Inclusion: connections and routes in the development of an inclusive culture*

**Mariana de Souza**

**Arieta<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-8668-6095](https://orcid.org/0000-0002-8668-6095)

[mariana.arieta@maristas.org.br](mailto:mariana.arieta@maristas.org.br)

**Katiuscha Lara Genro**

**Bins<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0002-9673-6092](https://orcid.org/0000-0002-9673-6092)

[katigbins@gmail.com](mailto:katigbins@gmail.com)

**Recebido em:** 22 abril 2021.

**Aprovado em:** 17 jun. 2021.

**Publicado em:** 13 set. 2021.

**Resumo:** Este estudo retrata a pesquisa de conclusão do curso de especialização em Educação Inclusiva da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e visa refletir sobre a importância do orientador educacional nos processos inclusivos no contexto da escola regular, buscando responder a seguinte pergunta: quais são as interfaces e os itinerários necessários para o processo de inclusão de estudantes com deficiência na educação básica regular, no ensino fundamental – anos iniciais – de uma escola da rede privada de Porto Alegre, na perspectiva da atuação do orientador educacional? Para tal, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa através de observações em diferentes momentos da rotina escolar e de entrevistas semiestruturadas, realizadas com sete professoras e quatro famílias de estudantes público-alvo da educação especial, que resultaram em proposições de caminhos e parcerias que se fazem necessárias na atuação desse profissional, através da acolhida das famílias e estudantes, do apoio fornecido ao professor e demais educadores, das proposições de formação continuada para toda a comunidade educativa e do fornecimento de recursos necessários para proporcionar a equidade nos processos de ensino e aprendizagem, a fim de contribuir para a construção de uma cultura mais inclusiva no contexto das escolas. Através dos relatos dos entrevistados foi possível pensar em itinerários/caminhos a serem percorridos e em interfaces/parcerias necessárias para que essa proposta se efetive. O professor sozinho não torna uma escola inclusiva. Todos precisam ser atores e protagonistas neste processo, e o papel do orientador educacional torna-se fundamental, considerando o fato de ser o primeiro contato do estudante e da família na escola.

**Palavras-chave:** Orientação educacional. Inclusão. Cultura inclusiva.

**Abstract:** This study presents a research of an end of specialization program in Inclusive Education of Pontifícia Universidade Católica. The purpose of this paper is to reflect on the importance of the school counselor in inclusive procedures of regular school system context intending to answer the following question: which are the needed connections and routes to the inclusion process in regular Primary Education, focused on the elementary levels of a private school in Porto Alegre, from the view of the School Counselor's practice? For this, a qualitative research was undertaken through observations of the school routine in distinguished times and semi-structured interview questions to seven teachers and four special education students' families. The results indicated possible approaches in partnership and paths required from this professional's practice through the embracing of families and students, support provided to teachers and other school faculty's members, purposes of continuing education to all school community as well as resources to provide equity in the teaching and learning processes in order to contribute to the development of a broader inclusive culture in this school's scenario. Interviewees' responses revealed that it's possible to think about routes and paths to be taken in connections and partnership demanded to implement this initiative. The teacher alone does not make a school inclusive. In this process everyone needs to be an actor and a protagonist so that the role of the School Counselor is essential considering the fact that he is the first contact of the student and the family at school.

**Keywords:** School counseling. Inclusion. Inclusive culture.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

<sup>1</sup> Colégio Marista Rosário (CMR), Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

## Introdução

Em que pese a temática da inclusão seja pauta de diversas discussões em diferentes âmbitos da sociedade, a reflexão em torno desse conceito parece, ainda, se encontrar distante de uma profundidade necessária. Falar sobre inclusão escolar é falar sobre o sujeito-estudante parte integrante deste espaço-tempo, que participa do contexto escolar e desfruta daquilo que lhe é oferecido pela escola, tendo possibilidades para desenvolver potencialidades que lhe permitam melhor inserção em projetos e atividades propostos pela instituição.

Nesse sentido, é preciso considerar a educação enquanto processo integral, que permite que os sujeitos se desenvolvam em seus aspectos físicos, motores, psicomotores, culturais, políticos, sociais, intelectuais e afetivos. Dada a complexidade da questão, compreende-se que o processo educativo não pode se esgotar unicamente na relação professor-estudante, sendo necessária a convocação de outros profissionais que possam auxiliar os estudantes; dentre eles, destaco a figura do orientador educacional. Sua atuação está diretamente relacionada à responsabilidade por um acompanhamento sistemático e criterioso dos discentes, sendo de evidente relevância para a formação desses. Para tal, exige-se desse profissional para além de uma atualização constante, uma postura ética.

Atuando na área de gestão escolar, as experiências evidenciam a necessidade de um constante (re)pensar as formas de eliminar barreiras para promover aprendizagens efetivas, com a participação e o protagonismo de todos os envolvidos nos processos educativos, garantindo assim sua integralidade. Diante disso, compreende-se a necessidade de pesquisar sobre interfaces e itinerários que devem ser percorridos para que tenhamos uma inclusão escolar efetiva, ou seja, evidenciar quais as parcerias e caminhos necessários para construir uma cultura inclusiva na escola.

Assim, o presente artigo surgiu a partir de um estudo que propôs a discussão e a problematização da importância do profissional da orientação educacional nos processos inclusivos no ensino fundamental – anos iniciais – de uma escola da rede privada do município de Porto Alegre, Rio

Grande do Sul. Buscou-se compreender as implicações da ação desse profissional referentes à sua imbricação em processos de acesso, inclusão e permanência dos estudantes público-alvo da educação especial dentro do ambiente regular de ensino, analisando diferentes interfaces – estudantes, docentes, famílias e especialistas – refletindo acerca de potenciais estratégias que podem qualificar a experiência de inclusão proposta pela escola.

Uma vez definidos os objetivos, construiu-se, então, a seguinte pergunta: quais são e como se articulam interfaces e itinerários necessários para o processo de inclusão na Educação Básica regular, no Ensino Fundamental – Anos Iniciais – de uma escola da rede privada de Porto Alegre, na perspectiva da atuação do Orientador Educacional?

O presente estudo originou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, utilizando como metodologia de coleta de dados, entrevistas semiestruturadas, realizada com sete professoras de Anos Iniciais, todas com tempo superior ou igual a quatro anos de atuação na instituição pesquisada com estudantes público-alvo da Educação Especial em escola regular. Foram entrevistadas ainda, quatro famílias de estudantes, também de Anos Iniciais, cujos filhos possuem entre 8 e 10 anos de idade, diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista de leve a severo.

Atendendo critérios de cuidados éticos na pesquisa e com o intuito de preservar a identidade dos sujeitos entrevistados, bem como a de suas famílias e da escola, foram atribuídas letras do alfabeto aos participantes sujeitos da pesquisa.

## 1 Metodologia e análise de dados

Na busca por compreender melhor a importância e as formas de envolvimento do profissional de orientação educacional na escola, optou-se por uma pesquisa qualitativa, que ao filiar-se a um paradigma fenomenológico, considera a expressão das subjetividades (CRESWELL, 2014). Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com educadores e famílias de uma escola privada de Porto Alegre e para a análise dos dados foi empregada a análise de conteúdo segundo Bardin (2011). Ao dar início à

parte empírica desta investigação, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos envolvidos na pesquisa. Após eventuais dúvidas, foram assinados e entregues à pesquisadora.

A escola de educação básica que deu origem ao presente estudo faz parte de uma rede confessional, possuindo valores e princípios presentes em seus documentos norteadores que preconizam a inclusão de todos. Localiza-se na região central de Porto Alegre e tem expressiva estrutura física e de pessoal. A gestão se dá de maneira compartilhada, entre diretores, vice-diretores e equipe técnico-pedagógica e administrativa. Quanto à filosofia da escola, evidencia-se a busca pela formação integral dos estudantes, propondo a evangelização por meio da educação. Em relação ao corpo docente, destaca-se a prioridade pela qualidade das práticas pedagógicas.

Para a coleta dos dados, foram aplicados questionários distintos para os diferentes públicos – professoras e famílias – com questões abertas a fim de acolher diferentes percepções acerca dos processos inclusivos e da atuação da orientação educacional na escola. O consentimento para a participação e divulgação dos dados se deu em texto que precedeu as questões respondidas pelos participantes.

A pesquisa realizada teve a intenção de obter informações que pudessem ajudar na composição de indicadores que contribuam para a construção de uma rede de apoio ao professor, tendo o orientador educacional como peça-chave para tal. Por último, foi realizada a análise dos dados obtidos a partir da categorização das unidades de sentido emergentes nos discursos das pessoas entrevistadas.

Foram elencadas quatro categorias, sendo elas: orientador educacional e o acolhimento de estudantes; famílias e educadores; recursos disponíveis para os processos inclusivos; orientação educacional como apoio ao professor na educação inclusiva e formação continuada e processos inclusivos.

## 2 Referencial teórico e prático

A escola pesquisada faz parte de uma rede presente em diversos países do mundo, contando

com 3.165 estudantes da educação infantil ao ensino médio. Assim, a instituição acolhe estudantes provenientes de cerca de 2.500 famílias, 465 educadores, entre professores e funcionários. Seu trabalho é alicerçado em documentos institucionais que amparam suas práticas pedagógicas e conseqüentemente inclusivas. A diversidade de estudantes com deficiência na escola demanda constante reflexão acerca das práticas e políticas que garantam os direitos dos estudantes. Porém, para que isso ocorra, se faz necessário promover algumas interfaces e percorrer diferentes itinerários de sensibilização e formação de toda a comunidade educativa acerca do tema.

A inclusão efetiva se dá a muitas mãos, de maneira colaborativa, um complementando o trabalho do outro. Segundo Beyer (2011, p. 79), "o projeto inclusivo não é ação de apenas um profissional da educação".

O Projeto Educativo do Brasil Marista assegura:

[...] o compromisso com as infâncias e juventudes, atua na defesa, promoção e garantia dos direitos de crianças, jovens e adultos, considerando tempos, saberes e fazeres e, portanto, valorizando suas culturas e subjetividades (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2010, p. 18).

Tal citação do documento norteador das práticas no colégio evidencia a sua intencionalidade de uma educação pautada no acompanhamento individualizado dos estudantes e no respeito às singularidades. No entanto, ainda há uma necessidade social de marcar os pressupostos maristas para uma educação inclusiva como forma de assegurar medidas que garantam os direitos de todos os estudantes, sobretudo os estudantes público-alvo da educação especial. A escola caminha no sentido de eliminar barreiras que impeçam o acesso do sujeito ao conhecimento, sejam elas arquitetônicas ou atitudinais, físicas ou simbólicas.

Desde o lançamento do projeto educativo da rede na qual a instituição se insere, em 2010, muitas são as práticas pedagógicas que visam à inclusão efetiva dos estudantes. Dentre as práticas estão: a contratação de duas professoras com formação em educação especial para atuar na sala Atendimento Educacional Especializado;

o lançamento e implementação das diretrizes da educação inclusiva na educação básica da rede, por meio de formações específicas, com todos os educadores; momentos de formação continuada e partilhas de boas práticas; criação de um projeto estratégico de educação inclusiva e de um grupo de trabalho com representantes de todos os segmentos, com vistas à construção de estratégias mais assertivas e processos que possam ser consolidados.

### *2.1 Interfaces necessárias entre o profissional da orientação educacional e os diferentes atores dos processos inclusivos*

Neste tópico, serão abordadas algumas interfaces necessárias na atuação da orientação educacional na construção por uma cultura inclusiva no contexto escolar. Assim como o professor não atua sozinho, o profissional da orientação educacional necessita estabelecer parcerias que viabilizam a efetividade dos processos, tecendo uma rede que possa dar suporte ao trabalho desenvolvido dentro e fora da sala de aula.

#### *2.1.1 Orientação educacional e os estudantes público-alvo da educação especial*

A orientação educacional baseia-se, principalmente, no acompanhamento do discente, em sua integralidade e inteireza. Mas não se pode acompanhar e intervir diante do desconhecido. O orientador educacional deve, então, ser um pesquisador de cada um dos seus estudantes, buscando conhecer, criar vínculo, estabelecer uma relação de confiança. Isso se aplica para todo e qualquer estudante e se intensifica quando falamos dos que apresentam algum tipo de deficiência.

A inclusão requer um olhar individualizado para o sujeito e não para o diagnóstico. Por mais que possamos conhecer as patologias listadas no Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM-V) ou no Código Internacional de Doenças (CID), pouco saberemos sobre os sujeitos que chegam nas salas de aula. Cada pessoa é única em suas especificidades, subjetividades, capacidades e limitações. Tais sistemas classificatórios são apenas instrumentos, cabendo-lhes

um bom ou mau uso, tanto para a área médica quanto para a área educacional (ROSA, [2015]).

Outro aspecto extremamente relevante é a construção de vínculo do profissional de orientação educacional com o estudante, que se dá pela observação, pela presença e pela atuação. Dado esse vínculo, faz-se necessário auxiliar os demais membros da equipe e professores a estabelecerem essa relação de proximidade e confiança.

É preciso pensar no profissional da orientação educacional como peça-chave na parceria com o professor. O orientador educacional contemporâneo precisa – para além da promoção do acolhimento – compreender a importância da inclusão em um horizonte intersubjetivo, estando em constante processo de reflexão sobre a sua prática, desenvolvendo um olhar pesquisador, a fim de contribuir para os processos de ensino e aprendizagem dos estudantes.

#### *2.1.2 Orientação Educacional e as famílias*

A chegada em uma nova escola geralmente vem acompanhada de dúvidas e incertezas, tanto por parte das crianças e jovens quanto de suas famílias. E certamente quando o estudante possui alguma deficiência, isso se intensifica. Ao se deparar com um filho diferente do idealizado, muitas preocupações emergem. Como será seu acolhimento pela sociedade? Como será sua aceitação na escola regular? Será que terá uma aceitação efetiva atendendo as propostas da escola? Dentre tantos outros questionamentos. O papel da escola é fundamental para minimizar esses sentimentos negativos, acolhendo, orientando e acompanhando durante o processo de acesso, inclusão e permanência na escola. "Cada família alimenta expectativas diferentes em relação ao papel da escola. O mesmo ocorre com a escola em relação à família. Acrescente-se, ainda, que tanto a escola como a família possuem características próprias" (GIACAGLIA, 2006, p. 63).

Um primeiro e importante passo a ser dado pela equipe da escola é o de conhecer o sujeito que se apresenta, seu contexto, sua família. Para isso, é fundamental um encontro para realizar a anamnese, observando o estudante – sempre que

possível –, construindo vínculo e, principalmente, oferecendo um momento de escuta.

A família, como primeiro ambiente social do sujeito, pode contribuir, e muito, nos processos da escola. Segundo Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016, p. 99), "a família também deve oferecer condições para que o binômio ensino e aprendizagem se realize com sucesso". Porém, a escola precisa fornecer esse espaço, estabelecendo bases vinculares que favoreçam espaços de abertura e parceria, suporte e troca de informações.

Após esse primeiro contato, se faz necessário reforçar a construção do vínculo e realizar combinações, dando a conhecer a forma de atuação da escola, seus processos e sua forma de entender e encaminhar a inclusão, tais como: plano adaptado, contato com os especialistas, atendimento educacional especializado, processo avaliativo, uso de tecnologias assistivas, ajustes de rotina e temporalidade, acompanhamento de monitoria etc. Tal procedimento, ao contrário do que possa ser interpretado, quando bem conduzido, transmite segurança para a família. Mostra que a instituição é séria, sabe o que está fazendo e ao que se propõe.

É preciso dar ciência aos pais sobre o que se espera deles, bem como permitir que expressem suas expectativas em um diálogo franco e colaborativo. Em paralelo, deve ser agendada uma reunião com a professora do Atendimento Educacional Especializado a fim de apresentar a profissional, o serviço e a forma de atuação.

Ainda como forma de acompanhamento, ao longo do ano letivo, são necessárias reuniões sistemáticas, em periodicidade a combinar de acordo com a necessidade do caso, envolvendo professores, família e equipe pedagógica.

### *2.1.3 Orientação educacional e os especialistas externos*

Para que o processo de inclusão ocorra de modo efetivo, se faz necessária a construção de uma rede entre escola, família e os especialistas externos que atendem o sujeito. Tais profissionais podem contribuir significativamente com informações sobre o quadro clínico, com suporte para as questões de aprendizagem e manejos comportamentais

e demais orientações para o bom andamento do trabalho com o estudante no contexto escolar. Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016, p. 101) afirmam que: "[...] é necessária uma equipe multidisciplinar e interdisciplinar para que se possa entender a criança como um ser global, e não dividida em pequenas situações que serão, cada uma, avaliadas e tratadas ao mesmo tempo e de forma isolada".

É preciso olhar para o sujeito como único e não como uma caixa cheia de compartimentos, na qual cada profissional envolvido deposita as suas formas de atuação, as suas expectativas e suas intenções. Ao longo da minha caminhada, pude conhecer equipes muito integradas e outras sem qualquer ligação, em que cada um atuava de acordo com as suas crenças e posicionamentos. O resultado disso tende a ser um prejuízo no desenvolvimento da criança ou jovem, visto que a falta de alinhamento dificulta os avanços nos tratamentos.

As Diretrizes da Educação Inclusiva na Educação Básica da Rede Marista (2018), trazem que a abertura e o diálogo entre os especialistas das mais diversas áreas com a escola propiciam que nenhum dos sujeitos responsáveis pelo estudante se sinta isolado do processo, visto que cada um pode e deve contribuir com os conhecimentos da sua área de atuação e se beneficiar dos conhecimentos específicos dos demais.

### *2.1.4 Orientação Educacional e os docentes*

Da mesma forma que se faz necessário conhecer os discentes, é imprescindível que ocorra o mesmo processo em relação ao docente. Assim como cada estudante é único, cada educador também é único e traz consigo uma história repleta de valores, características pessoais, profissionais e que necessitam ser olhadas, consideradas, revistas, repensadas e (res)significadas.

Ao longo dos anos, pode-se perceber o aumento da demanda de trabalho do professor e de toda comunidade educativa diante das novas leis e exigências no que tange à educação inclusiva no Brasil. Em contraponto, a formação e o preparo desses educadores não correspondem à necessidade e nem ao tempo em que as situações se apresentam. Nesse contexto,

temos professores dando o máximo de si, com muitos desejos e vontade de acertar, mas com muitas dificuldades e questionamentos sobre a sua prática e sobre o quanto é possível ajudar os estudantes com deficiência a estarem realmente incluídos nas escolas regulares.

Beyer (2011) propõe que uma reflexão acerca dos cursos de formação dos educadores e da necessidade de reformulação desse currículo, visando contemplar a heterogeneidade presente nas escolas cuja proposta é inclusiva. O sistema educacional de modo geral nos remete a um engessamento das práticas pedagógicas e consequentemente das formas de conduzir e avaliar a aprendizagem. No entanto, quando falamos de inclusão, precisamos falar também de flexibilidade, do princípio de equidade, tornando a aprendizagem acessível a todos. Silva e Bins (2016) corroboram a afirmação quando trazem a ideia de que a flexibilidade precisa ser a palavra norteadora para a prática na escola, pois é ela que nos permite vislumbrar as potencialidades dos sujeitos aprendentes. Afinal, o que é ser diferente, se a diferença é o que nos constitui enquanto indivíduos?

Investir em formação continuada, no acompanhamento sistemático, nos momentos de reflexão sobre planejamento e avaliação; nos momentos que promovam o autoconhecimento e de conhecimento acerca da inclusão e de formação socioemocional, são alguns dos itinerários necessários para auxiliar o professor a lidar com a inclusão na escola, considerando a subjetividade docente e, com isso, traçando um plano de ação específico que forneça subsídios por meio do apoio e do suporte em relação ao planejamento, ao manejo e à avaliação dos estudantes.

### *2.1.5 Orientação educacional e o professor do Atendimento Educacional Especializado*

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é um serviço relativamente novo nas realidades das escolas privadas. No entanto, tornou-se rapidamente um elemento fundamental para a qualificação dos processos inclusivos no ambiente escolar regular, como um complemento. Tendo em vista que:

A necessidade de uma atuação complementar implica um trabalho distinto e diferenciado daquele desenvolvido pela escola comum. Ou seja, não se reproduz nesse atendimento o mesmo conteúdo e nem tampouco a metodologia adotada pela escola comum. Todo o trabalho é pautado na necessidade e particularidade do aluno, tornando-se necessariamente subjetivo e, por isso mesmo, é caracterizado como um "atendimento", mas isso não impede uma ação eminentemente pedagógica (BATISTA, 2013, p. 121).

Os olhares destes dois profissionais – professor do Atendimento Educacional Especializado e orientador educacional – precisam estar em sintonia, visto que ambos assumem funções importantes na interação com os estudantes, com as famílias, com os professores e com os especialistas externos de cada criança ou jovem. Além disso, em contextos de escolas privadas, em especial na escola pesquisada, é o orientador educacional, como representante da equipe pedagógica, que faz o encaminhamento do estudante para avaliação no Atendimento Educacional Especializado.

Tão logo seja encaminhado, o estudante é avaliado pela professora do AEE em aproximadamente cinco encontros, nos quais são definidas metas e estratégias de intervenção para auxiliar nas habilidades a serem desenvolvidas e que auxiliem no desenvolvimento e acompanhamento das atividades escolares na classe comum.

### *2.1.6 Orientação educacional e os demais membros da equipe gestora*

Os processos inclusivos são tecidos a muitas mãos, por diferentes profissionais em suas áreas de atuação. Além do professor, do orientador educacional e do professor do AEE, existem outras funções indispensáveis para a qualidade dos processos inclusivos e para que a cultura inclusiva se estabeleça na comunidade escolar. Funções essas que necessitam estar em consonância com o trabalho desenvolvido pelos profissionais já citados anteriormente. Dentre eles, a Coordenação Pedagógica, que exerce a importante função de acompanhar a ação docente, os planejamentos, as atividades e, portanto, auxiliar o professor na elaboração de planos de estudos adaptados, de acomodações pedagógicas

que se façam necessárias. Porém, para que isso ocorra respeitando as especificidades de cada um, torna-se imprescindível aliar-se ao Serviço de Orientação Educacional, setor responsável pelo acompanhamento do estudante desde o seu ingresso na escola.

Outra parceria importante é com a Coordenação de Turno, serviço que acompanha as questões de logística, de horários, de aspectos disciplinares no ambiente escolar e que necessita estar a par dos acompanhamentos realizados com os estudantes para posteriores intervenções fundamentais e assertivas.

Ressalto, ainda, a importância de atuação do orientador educacional junto à equipe diretiva (direção, vice-direção educacional, vice-direção administrativa) no que se refere ao incentivo e articulação para proporcionar momentos de formação para todos os membros da comunidade educativa, à tomada de decisões e implementação de ações adicionais para o bom funcionamento do sistema inclusivo.

## *2.2 Itinerários que precisam ser percorridos para a construção de uma cultura inclusiva*

Assim, ao problematizar a realidade das parcerias fundamentais para o Serviço de Orientação Educacional e para uma inclusão efetiva, propõem-se uma reflexão sobre os caminhos que devem ser percorridos para que, de fato, se inicie a construção de uma cultura mais inclusiva no ambiente escolar. Isso permitiu outra mirada para o orientador educacional, percebendo-o como um agente promotor da inclusão, atuando como um facilitador de práticas inclusivas. Dentre elas, pode-se destacar o incentivo e a promoção de momentos de formação para todos os educadores, desde a Portaria até a Direção da escola; momentos de trocas e partilhas de experiências tanto entre educadores quanto entre famílias, sendo também responsáveis pela implementação de diretrizes que possam nortear as práticas.

No contexto pesquisado, a escola possui um documento lançado em rede, com diretrizes que determinam as funções, o papel e a importância de cada um, as formas de atuação, dentre outros

aspectos importantes. Para dar a conhecer tal documento, a direção da escola propôs momentos com todos os educadores, nos quais foram explicitados todos os aspectos ali descritos. Além disso, o colégio, em seu planejamento estratégico, criou um projeto de implementação das diretrizes, no qual são previstas diversas ações que visam à ampliação e qualificação do atendimento aos estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista ou altas habilidades/superdotação. Para pensar essas práticas, foi constituído um grupo de trabalho, com membros de diferentes segmentos, desde a educação infantil até o ensino médio. Também são constantemente propostas rodas de conversas e momentos de trocas e partilhas entre educadores.

O colégio está em processo constante de construção e aprimoramento dos processos inclusivos, necessitando de revisões frequentes, de trocas entre todos os atores envolvidos – educadores, estudantes, famílias e especialistas externos – cabendo ao profissional da orientação educacional sugerir caminhos para a coletividade e, sobretudo, para as subjetividades, para as especificidades de cada estudante que chega na instituição, compreendendo que os processos inclusivos nunca estão finalizados. São caminhos a serem construídos e trilhados, de acordo com cada criança ou jovem que está inserido nesta comunidade escolar.

## **3 Resultados e discussões**

### *3.1 Orientador educacional e o acolhimento de estudantes, famílias e educadores*

Por meio das análises das entrevistas, percebe-se que a atuação profissional desse educador deve acontecer no sentido de acolher e conhecer os estudantes com deficiência e suas famílias. Também deve buscar estreitar as relações entre a família e a escola e, após esses processos, auxiliar na construção do vínculo do estudante com a professora da sala de aula, com os colegas, com a escola como um todo.

Conforme a fala da família a seguir, o mais importante ao chegar em uma nova escola é "sentir que a disposição dos profissionais não

depende do nível de dificuldade da criança, e que a escola se responsabiliza por dar conta de todas as demandas necessárias que lhe compete".<sup>3</sup>

Corroborando com a família acima, as demais famílias referiram como fundamentais a sensibilidade e a disposição em acolher a criança ou jovem, avaliando as necessidades individuais de cada um.

### 3.2 Orientação educacional como apoio ao professor na educação inclusiva

As percepções dos docentes e das famílias sobre o profissional da orientação educacional e seu papel na inclusão do estudante com deficiência é que este deve auxiliar o trabalho em sala de aula, visto que é esse profissional que conhece anteriormente o estudante, possui e repassa informações de aprendizagem e manejo e atua como um elo entre o professor, a família e os especialistas que atendem o estudante fora do ambiente escolar.

Por meio das análises das entrevistas realizadas, foi possível constatar que as professoras e as famílias percebem o profissional de orientação educacional como um amparo. Para as professoras, esse profissional se torna fundamental a partir do momento em que subsidiam com informações sobre a trajetória do estudante que irão receber em suas salas de aula, fornecem dicas de manejo com o aluno e com a família, realizam a adaptação do sujeito no ambiente escolar e na sala de aula e, posteriormente, participam de reuniões com a família e especialistas externos. A fala da professora "A" explicita a importância do suporte para que as docentes se sintam mais tranquilas e seguras, apesar dos desafios que a inclusão impõe.

A partilha de informações essenciais sobre o estudante por parte da família, especialistas, ex-professores, ajuda o professor a conduzir

o planejamento, adaptar ferramentas e traçar estratégias para o avanço e construção de novas habilidades e aprendizagens (Professora A, 2020).<sup>4</sup>

As sete professoras pesquisadas sinalizaram como sua maior referência a figura da orientadora educacional como uma ponte, um elo entre elas e o estudante, entre elas e a família, seguida pela coordenação pedagógica e professora do Atendimento Educacional Especializado. A professora B acredita que:

A orientadora educacional é quem acolhe em primeiro momento os estudantes. É ela quem estabelece o primeiro vínculo da criança e sua família com a escola e posteriormente divide/partilha com seus professores. Além disso, a orientadora é o apoio da professora no cotidiano escolar (com quem é dividida dúvidas, angústias e vitórias), é quem orienta, dá dicas quanto ao manejo com os estudantes e suas respectivas famílias. A orientadora disponibiliza a sua escuta promovendo momentos de diálogo e partilha com as professoras, famílias e estudantes (Professora B, 2020).<sup>5</sup>

Segundo as entrevistadas, o Serviço de Orientação Educacional acompanha os manejos e orienta nas melhores escolhas. Possibilita uma visão diferente, de quem não está na ação/emoção da sala de aula diariamente, fazendo toda a diferença. O auxílio na construção de parceria com a família também é fundamental. Sobre essa atuação, uma das famílias entrevistadas complementa:

Me parece um papel fundamental de avaliação e mediação, que auxilia no planejamento de estratégias e adaptações, conforme as dificuldades e necessidades de cada criança. Para mim, sentir a escola em verdadeira parceria com a família é o principal (Família B, 2020).<sup>6</sup>

No espaço aberto para considerações acerca dos processos inclusivos na escola, as professoras ressaltaram o quanto ainda não estamos

<sup>3</sup> Resposta da família B, à pergunta "Na sua opinião, o que é mais importante na chegada de um estudante público-alvo do AEE em uma nova escola?", formulada pelas pesquisadoras e preenchida, via *Google Forms*, pela família participante, no mês de abril de 2020, em Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>4</sup> Resposta da professora A, à pergunta: Na sua opinião, o que é mais importante na chegada de um estudante público-alvo do AEE na sua turma?", formulada pelas pesquisadoras e preenchida, via *Google Forms*, pela professora participante, em abril de 2020, em Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>5</sup> Resposta da professora B, à pergunta: Na sua percepção qual é a importância do papel do orientador educacional no processo de inclusão das escolas?", formulada pelas pesquisadoras e preenchida, via *Google Forms*, pela professora participante, em abril de 2020, em Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>6</sup> Resposta da família B, à pergunta: "Na sua percepção qual é a importância do papel do Orientador Educacional no processo de inclusão das escolas?", formulada pelas pesquisadoras e preenchida, via *Google Forms*, pela família participante, em abril de 2020, em Porto Alegre, RS, Brasil.

preparados enquanto sociedade e enquanto escola (sistema educacional), para o que foge do "padrão". Tal apontamento é confirmado com as falas de uma educadora quando ela diz: "precisamos falar muito ainda sobre os processos inclusivos" (Professora B, 2020) e de uma família quando diz: "tivemos processos inclusivos em três escolas. Duas pecaram na inclusão social, digamos assim. Creio ser um dos maiores desafios" (Professora A, 2020).

Quando questionadas sobre possíveis caminhos, apontaram a parceria com diferentes setores e profissionais dentro e fora da escola, a confiança que precisa se estabelecer nesses processos, a formação continuada e a postura pesquisadora, buscando conhecer o seu estudante em suas particularidades, capacidades e limitações, independentemente do seu diagnóstico. Tais percepções foram corroboradas pelas famílias entrevistadas.

### 3.3 Recursos disponíveis para os processos inclusivos

Nesta categoria, após análise das entrevistas, percebe-se a importância, a necessidade e a efetividade de recursos – humanos e na estrutura da escola – que possibilitem novas estratégias de atuação com os estudantes público-alvo da educação especial. Há referências positivas quanto ao fato de a escola contar com uma sala de recursos e um profissional para o Atendimento Educacional Especializado, a fim de testar novas estratégias e eliminar barreiras que impeçam o aprendizado em sala de aula. Segundo a fala da professora F, entrevistada, um ponto relevante ao se falar sobre inclusão no contexto escolar é "de também ter o apoio do setor de AEE para orientações pedagógicas, manejos e outros que forem pertinentes a cada situação".<sup>7</sup>

Segundo Lopes e Marquezine (2012 apud COLÉGIOS E UNIDADES SOCIAIS DA REDE MA- RISTA, 2018, p. 56), as salas, para a realização

do atendimento educacional especializado, são espaços desafiadores "[...] nos quais o aluno com deficiência encontra condições necessárias para o desenvolvimento do processo de aprendizagem, com vistas à superação de seu próprio limite, em busca da verdadeira inclusão".

Quando se fala em inclusão escolar, se fala em eliminar barreiras que, de alguma forma, impeçam o desenvolvimento dos estudantes. Portanto, percebo como necessário pensar que todos os espaços e todas as pessoas que fazem parte de uma escola devem favorecer os processos inclusivos dos estudantes com deficiência. A acessibilidade, algo tão comentado socialmente, deve ir além da acessibilidade arquitetônica, física. Ela precisa passar pelas pessoas, pelas atitudes, criando, gradativamente, uma cultura mais inclusiva. Por sua vez, o orientador educacional torna-se importante na operacionalização da inclusão na medida em que pode atuar na mediação entre os recursos físicos e humanos que a instituição possui, vislumbrando uma inclusão efetiva do estudante com deficiência.

### 3.4 Formação continuada e processos inclusivos

Em relação à categoria *formação continuada e processos inclusivos*, foram constatados os anseios dos docentes diante da necessidade de busca constante pelo aprimoramento e diante da falta de respostas no que tange aos processos inclusivos, evidenciando a inclusão como algo que desacomoda e, portanto, mobiliza para a busca de novas aprendizagens. Quando questionados sobre demais pontos relevantes que gostariam de sinalizar relacionados ao tema da inclusão escolar, a formação continuada apareceu como algo imprescindível. A fala a seguir evidencia a falta de preparo diante da diversidade: "o que foge do padrão ainda gera desconforto. Temos muito a aprender" (Professora E, 2020).<sup>8</sup>

Somos seres em constante processo de aprendizagem e, por isso, vejo na formação continuada,

<sup>7</sup> Resposta da professora F, à pergunta: "Algum outro ponto relevante em relação aos processos inclusivos na escola que você queira sinalizar?", formulada pelas pesquisadoras e preenchida via *Google Forms*, pela professora participante, em abril de 2020, em Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>8</sup> Resposta da professora F à pergunta: "Algum outro ponto relevante em relação aos processos inclusivos na escola que você queira sinalizar?", formulada pelas pesquisadoras e preenchida pela professora participante, em abril de 2020, em Porto Alegre, RS, Brasil.

seja proporcionada pela escola ou resultado de uma busca pessoal, como momento que possibilita aos educadores uma compreensão teórica e conceitual de temas ligados à educação inclusiva que, certamente, refletirão nas práticas desenvolvidas na realidade escolar.

### Considerações finais

As considerações finais deste estudo representam pontos de ancoragem sob os quais pretendemos apoiar para futuras investigações nesta mesma temática. O presente estudo possibilitou a reflexão acerca da problemática proposta inicialmente, de compreender a importância do papel do profissional da orientação educacional nos processos inclusivos no contexto da escola regular, na construção de uma cultura mais inclusiva. Através dos relatos das pessoas entrevistadas, foi possível pensar em novos itinerários – caminhos a serem percorridos – e em interfaces – parcerias necessárias – para que essa proposta se efetive.

Como caminhos, entende-se a oferta de recursos, de pessoas e de estruturas que possam atuar no suporte, como uma rede de apoio ao professor, tornando possível a inserção desse sujeito na sala de aula e no ambiente escolar. Atualmente, o Atendimento Educacional Especializado, setor relativamente novo no contexto da escola pesquisada, mostra-se como um grande potencial para isso. A construção de uma cultura inclusiva não é algo que se dá a curto prazo, mas, sim, é fruto de muito trabalho, de pequenos passos em busca de um mesmo ideal. Outro caminho fundamental para qualificar as práticas inclusivas é o da formação continuada, ponto extremamente relevante e citado pelas profissionais entrevistadas, além de uma postura pesquisadora necessária para conhecer o estudante inserido no contexto.

Deste modo, tais caminhos a serem percorridos pressupõem parcerias que são imprescindíveis. O professor sozinho não torna uma escola inclusiva. Para que isso aconteça, algumas interfaces precisam ocorrer. Na escola, torna-se importante que todos sejam atores e protagonistas nesse processo. Nesse sentido, o orientador educacional torna-se primordial como articula-

dor entre os profissionais da escola (professores titulares e do AEE, monitores, coordenadores pedagógicos, coordenadores de turno, dentre outros membros da comunidade escolar) que precisam conhecer esses sujeitos, visto que é ele o primeiro contato com estudantes e famílias que ingressam na escola. A família também tem muito a contribuir, desde que se estabeleça uma relação de confiança e transparência com a escola, a partir de trocas sobre expectativas e possibilidades de ambas. Além das relações já citadas, os especialistas externos como psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicopedagogos, psiquiatras, neurologistas, são fontes ricas de informações e partilhas que podem contribuir para o pleno desenvolvimento do estudante em seu processo de acesso, inclusão e permanência na escola.

### Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BATISTA, Cristina Abranches Mota. Atendimento Educacional Especializado para pessoas com deficiência mental. In: MANTOAN, Maria Teresa Eglér (org.). *O desafio das diferenças nas escolas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. p. 121-129.
- BEYER, Hugo Otto. O Projeto da Educação Inclusiva: Perspectivas e princípios de implementação. In: JESUS, Denise Meyrelles et al. (org.). *Inclusão Práticas Pedagógicas e trajetórias de pesquisa*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011. p. 75-81.
- CARVALHO, Rosita Edler. *Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico*. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- COLÉGIOS E UNIDADES SOCIAIS DA REDE MARISTA. *Diretrizes da Educação Inclusiva na Educação Básica da Rede Marista/Colégios e Unidades Sociais da Rede Marista*. Organização de Ana Rosimeri Araújo da Cunha; Simone Martins da Silva. Porto Alegre: Centro Marista de Comunicação, 2018.
- CRESWELL, John W. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.
- GIACAGLIA, Lia Renata Angelini; PENTEADO, Wilma Millan Alves. *Orientação Educacional na Prática: princípios, técnicas e instrumentos*. São Paulo: Thomson Learning, 2006.
- MANUAL diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento et al.; revisão técnica de Aristides Volpato Cordioli et al. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: [http://www.clinicajorgejaber.com.br/2015/estudo\\_supervisionado/dsm.pdf](http://www.clinicajorgejaber.com.br/2015/estudo_supervisionado/dsm.pdf). Acesso em: 24 jul. 2020.

ROSA, Carlos Eduardo. O DSM-5 e a CID-10: uma questão de classe? In: ROSA, Carlos Eduardo. *Carlos Eduardo Rosa: Psiquiatria e Psicoterapia*. [S. l.], 26 jan. 2015. Disponível em: <http://www.carloseduardorosa.com.br/o-dsm-5-e-a-cid-10-uma-questao-de-classe>. Acesso em: 25 maio 2017.

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lígia; RIESGO, Rudimar dos Santos (org.). *Transtornos da aprendizagem: uma abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SILVA, Karla Wunder; BINS, Kátiuscha Lara Genro. 25 anos de uma escola que se (re)constrói no tempo: funcionamento atual. In: SILVA, Karla Wunder; BINS, Kátiuscha Lara Genro (org.). *Tessituras do fazer pedagógico junto a alunos com Transtorno do Espectro Autista*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 2016. p. 43-49.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. *Projeto Educativo do Brasil Marista: Nosso jeito de conceber a Educação Básica*. Brasília, DF: Umbrasil, 2010.

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação das autoras antes da publicação.*

---

## Mariana de Souza Arieta

Especialista em Educação Inclusiva, Gestão Curricular Marista e Psicopedagogia Clínica e Institucional e mestranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Orientadora educacional dos anos iniciais do Colégio Marista Rosário, em Porto Alegre, RS, Brasil.

---

## Kátiuscha Lara Genro Bins

Doutora em Educação, mestre em Educação e especialista em Alfabetização e Letramento pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professora na EMEF Prof. Luiz Francisco Lucena Borges, em Porto Alegre, RS, Brasil; e professora convidada na PUCRS, em Porto Alegre, RS, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

Mariana de Souza Arieta  
Colégio Marista Rosário  
Praça Dom Sebastião, 2  
Bom Fim, 90035-080  
Porto Alegre, RS, Brasil

Kátiuscha Lara Genro Bins  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Avenida Ipiranga, 6681, Prédio 9 – Térreo, Sala 119  
Partenon, 90619-900  
Porto Alegre, RS, Brasil